

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MAURÍCIO FERREIRA DA MOTTA REZENDE

**O INÍCIO DA IGREJA METODISTA EM JUIZ DE FORA:  
1884 a 1900**

JUIZ DE FORA  
2023

MAURÍCIO FERREIRA DA MOTTA REZENDE

**O INÍCIO DA IGREJA METODISTA EM JUIZ DE FORA:  
1884 a 1900**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Orientador: Dr. Angelo Carrara

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ferreira da Motta Rezende, Mauricio.  
O início da Igreja Metodista em Juiz de Fora: 1884 a 1900. /  
Maurício Ferreira da Motta Rezende. -- 2023.  
34 f.

Orientador: Angelo Alves Carrara  
Coorientadora: Silvana Mota Barbosa  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, 2023.

1. História. 2. Religião Metodista. 3. Juiz de Fora. I. Alves Carrara, Angelo, orient. II. Mota Barbosa, Silvana, coorient. III. Título.

MAURÍCIO FERREIRA DA MOTTA REZENDE

**O INÍCIO DA IGREJA METODISTA EM JUIZ DE FORA:  
1884 a 1900**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em História.

Aprovada em ....

## BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Angelo Alves Carrara (Orientador)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Profa Dra. Silvana Mota Barbosa (Leitora Crítica)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha esposa Sonia que me incentivou a reingressar no estudo das Ciências Humanas

## RESUMO

A chegada dos missionários metodistas em Juiz de Fora, com a fundação da primeira Igreja Metodista na cidade, no ano de 1884, representou uma ameaça à religião católica predominante na cidade da época. A religião católica romana, desde o período colonial, era a religião oficial do Brasil e, pelo sistema de padroado, Estado e Igreja Católica se interligavam. No período imperial continuou a ser a religião oficial, mas já havia a permissão para que outras religiões pudessem aqui se instalar. A Igreja Metodista egressa do sul dos Estados Unidos chegou em Juiz de Fora e sofreu hostilidades dos praticantes da Igreja Católica, mas aos poucos conseguiu se estabelecer na cidade. Em 1890 foi fundado o Collegio Americano Granbery, e com o binômio religião/educação a igreja metodista paulatinamente foi aceita pela sociedade juizforana, trazendo em seu bojo ideais de liberdade, progresso, positivismo e democracia provenientes da sociedade norte-americana.

Palavras-chave: igreja metodista, religião católica.

## ABSTRACT

The arrival of methodist missionaries in Juiz de Fora with the foundation of the first Methodist Church in the city in 1884 represented a threat to the predominant catholic religion in this city at the time, because the roman catholic religion since the colonial period was the official religion of Brazil, and due to the padroado system, state and Catholic Church intertwined. In the imperial period it continued to be the official religion, but there was already official permission for other religions to settle here. The Methodist Church that came from the south of the United States arrived in Juiz de Fora and suffered hostilities from the patricians of the Catholic Church, but gradually managed to establish itself in the city. In 1890 the Collegio Americano Granbery was founded, and with the binomial religion/education the methodist church was gradually accepted by the society of the Juiz de Fora, bringing with it ideals of freedom, progress, positivism and democracy from the north american society.

Keywords: methodist church, catholic religion.



## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2.</b>	<b>DESENVOLVIMENTO</b>	<b>10</b>
2.1	A ORIGEM DO METODISMO NA INGLATERRA	10
2.2	A ESCOLHA DE JUIZ DE FORA PARA SEDIAR A IGREJA METODISTA	12
2.3	AS HOSTILIDADES SOFRIDAS PELOS MISSIONÁRIOS A PARTIR DE 1884	15
2.4	O COLLÉGIO AMERICANO GRANBERY	21
2.5	CONSIDERAÇÕES ACERCA DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA	23
<b>3.</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>25</b>
<b>4.</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>27</b>
<b>5.</b>	<b>ANEXO I</b>	<b>28</b>
<b>6.</b>	<b>ANEXO II</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A chegada em Juiz de Fora dos missionários metodistas, em 1876, trouxe para a sociedade juizforana um sentimento de desconforto, pois a religião católica, além de ser a religião oficial do país, era praticada pela maioria da população brasileira, em especial por sua elite. Já havia no ano de 1876 em Juiz de Fora a religião luterana trazida pelos imigrantes alemães na primeira metade do século XIX, que aqui vieram trabalhar na construção da Estrada União-indústria, sob o comando do empreendedor da época Mariano Procópio (1821-1872). Mas o luteranismo era praticado por um número muito reduzido de pessoas, e se classifica no tipo de religião chamada de étnico-racial, em que os missionários não procuram adeptos fora do grupo dos imigrantes alemães, conforme analisado por Antonio Flávio Pierucci em “As religiões no Brasil – Continuidades e Rupturas” (MENEZES, 2006).

Diante deste contexto religioso existente em Juiz de Fora, diferente dos luteranos, os missionários metodistas vieram com o fim de propagar sua fé e, deste modo, tiveram que travar um debate com o grupo católico existente na cidade, e que representava a elite juizforana, para que pudessem aqui permanecer.

A religião metodista surgiu na Inglaterra no século XVIII com João Wesley (1703-1791) a partir de uma dissidência da igreja anglicana, na qual a elite inglesa era praticante, mas que João Wesley percebeu que não era voltada para a camada mais pobre da população. Além de João Wesley, seu irmão Carlos Wesley também aderiu à religião metodista, compondo muitos hinos para igreja. A autora Ana Lúcia Cordeiro, em seu livro “A inserção do metodismo em Juiz de Fora” (CORDEIRO, 2003) chama a atenção que o metodismo surgiu para se voltar para a camada mais pobre da população inglesa. Os irmãos Wesley praticavam seus sermões nas portas das fábricas, nos bairros menos favorecidos de Londres, nas ruas, fora das igrejas pomposas e suntuosas, para assim atingir o público mais carente da sociedade.

Da Inglaterra, já no início do século XIX, os missionários metodistas migraram para os Estados Unidos, em função da perseguição religiosa sofrida pelos adeptos desta igreja, e conseguiram promover uma difusão de suas ideias, e adquirir mais fiéis. A Igreja Metodista se desenvolveu bastante nos Estados Unidos, pois pregava

os ideais do individualismo, da extrema disciplina para seus membros no campo do trabalho e do estudo. E com a eclosão da guerra de secessão americana (1861-1865), os missionários metodistas do sul dos Estados Unidos, em função da vitória da União, se viram obrigados a fugir e encontrar outros países para professar sua religião, chegando portanto ao Brasil.

A cidade de Juiz de Fora foi escolhida, entre outras cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Petrópolis e Piracicaba, por representar no final do século XIX um avanço em relação às demais cidades brasileiras, pois aqui os lucros obtidos com a produção e o comércio do café propiciaram a inauguração de diversas fábricas, conforme estudado por Domingos Giroletti em seu livro “A Industrialização de Juiz de Fora” (GIROLETTI, 1988).

A reação da elite juizforana, liderada pelos industriais, comerciantes, intelectuais, a classe política e a parcela mais bem remunerada do funcionalismo público, à chegada dos missionários metodistas em Juiz de Fora foi bastante hostil, e neste trabalho busquei no jornal o PHAROL reportagens da época em que tais hostilidades ficaram evidenciadas. Porém a forma encontrada para superar tais adversidades foi o binômio evangelização/educação.

Com a fundação da primeira Igreja Metodista em Juiz de Fora em 1884 e, posteriormente em 1890, a criação do Collegio Americano Granbery, a sociedade juizforana, em especial sua elite, começou aos poucos a aceitar esta nova igreja, trazendo uma convivência, na primeira metade do século XX, relativamente pacífica.

Este trabalho analisa o contexto histórico da chegada dos missionários metodistas em Juiz de Fora, as motivações da escolha de Juiz de Fora, e a forma pela qual os embates entre metodistas e católicos foram superados, até que os metodistas pudessem permanecer aqui de forma pacífica, sendo aceitos pela elite juizforana.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 A ORIGEM DO METODISMO NA INGLATERRA**

A Igreja Anglicana surgiu na Inglaterra no século XVI a partir de uma cisão da igreja protestante (CORDEIRO, 2003). No final do século XVII, a igreja anglicana

entrou em declínio na Inglaterra, e João Wesley (1703-1791), cujo pai era pastor anglicano e a mãe devota da Igreja Anglicana, percebeu a igreja anglicana oficial da Inglaterra voltada apenas para atender aos anseios da elite londrina, não estando direcionada para os problemas das camadas mais pobres da população. Com isso, começou a pregar nas ruas e nas portas das fábricas, no intuito de levar a religião anglicana para a população desprovida de uma vida digna. A Igreja Anglicana oficial da monarquia inglesa não aceitou esta quebra dos rituais, e João Wesley começou uma dissidência dentro da igreja anglicana, e acabou por fundar, em função da grande aceitação de suas pregações, a chamada Igreja Metodista.

Os primeiros imigrantes ingleses levaram para os Estados Unidos a religião protestante no início do século XVII, tendo entre eles calvinistas, luteranos e os adeptos da igreja anglicana. Mas com a perseguição aos puritanos na Inglaterra, estes fugiram para os Estados Unidos ao longo do século XVII. Posteriormente, os missionários metodistas chegaram nos Estados Unidos em meados do século XVIII, identificando ali a terra prometida em que poderiam professar sua fé e promover a disseminação de suas ideias de disciplina e perseverança dentro do cristianismo. No século XVIII, com a independência dos Estados Unidos em 1776, os metodistas ali instalados consideraram que sua tarefa residia em prover a espiritualidade à grande massa de imigrantes que ingressavam procedentes da Inglaterra, Irlanda, Escócia e País de Gales (o equivalente hoje ao Reino Unido). Além disso, a ocupação do oeste americano significava que os metodistas deveriam prover a espiritualidade para os novos imigrantes (CORDEIRO, 2003).

No século XIX, nos Estados Unidos, os metodistas encontraram terreno fértil para disseminar suas ideias, e com a guerra de secessão americana (1861-1865), em que o norte industrializado e a favor do trabalho livre venceu o sul agrário e defensor da escravidão, o país experimentou um grande avanço em termos econômicos, fazendo com que, na virada do século XIX para o XX, os Estados Unidos se tornassem a maior potência hegemônica mundial.

No momento em que terminou a guerra de secessão, os missionários da igreja episcopal metodista do sul dos Estados Unidos se viram pressionados para sair dos Estados Unidos, em função da perda de prestígio caracterizado pela vitória dos estados do norte, além da aceitação da escravidão. Com o fim da guerra os Estados Unidos proclamaram o fim da escravidão em 1865.

Além disso, os metodistas que viviam nos Estados Unidos desenvolveram uma pregação destinada a motivar o individualismo do ser humano como principal fator para se aproximar do sagrado. Através de uma vida regrada, em que o trabalho e o estudo são a principal razão de viver do cidadão, e em que se proíbem o consumo de bebidas alcoólicas e a participação em festas, o ser humano é escolhido por Deus.

Neste sentido, é diferente da igreja protestante tradicional, na qual Deus determina os escolhidos. Na religião metodista, para ser escolhido por Deus há que se fazer por merecer, através de uma vida perfeita, sem vícios, e em que o cidadão tem que se esforçar para ganhar o máximo de dinheiro que puder, poupar o máximo que puder, e doar o máximo que puder aos necessitados. A Igreja Metodista procedente da Inglaterra que chegou nos Estados Unidos encontrou um local bastante propício, pois ali era o mundo novo, em que não haviam igrejas construídas, visto que os metodistas costumavam pregar ao ar livre, ainda mais quando houve a ocupação do oeste americano, considerado o eldorado, em que se iria encontrar a prosperidade. E também porque o berço da democracia moderna, representado pela capital americana – Washington DC, em contraposição a Atenas, onde surgiu o conceito de democracia, incentivava a livre iniciativa, o empreendedorismo e a busca pelo sucesso em um ambiente de liberdade religiosa.

## 2.2 A ESCOLHA DE JUIZ DE FORA PARA SEDIAR A IGREJA METODISTA

Os missionários metodistas da Igreja Episcopal do sul dos Estados Unidos escolheram o Brasil para aqui imigrar, após a guerra de secessão americana (1861-1865), em função do Brasil ainda ser, à época, um país escravocrata, pois se adequava com seus valores originários. Os metodistas se instalaram primeiro no Rio de Janeiro em 1876, em 1881 chegaram em Piracicaba – SP e criaram uma escola, e em 1884 vieram para Juiz de Fora e fundaram a primeira igreja metodista da cidade (SOUZA, 2004).

As características de Juiz de Fora, dentro do contexto brasileiro do final do século XIX, são bastante peculiares. A chamada “Manchester mineira” se desenvolveu com os lucros obtidos do café, após a expansão da cultura cafeeira que foi alargando suas fronteiras em direção ao vale do Paraíba e à zona da mata mineira em função do empobrecimento do solo nas fazendas fluminenses. Seus primeiros

empreendedores trouxeram para Juiz de Fora um avanço industrial e tecnológico que se destacava das outras cidades brasileiras.

Com a fundação da cidade em 1856 (OLIVEIRA, 1966), o grande empreendedor da época, Henrique Halfeld (1797-1873), projetou a cidade de Juiz de Fora abrindo a avenida que hoje leva seu nome. A cidade na época já sentia os efeitos dos grandes lucros provenientes do café, e os fazendeiros locais puderam direcionar parte significativa destes lucros para as atividades fabris. A estrada União-Indústria, inaugurada por Mariano Procópio em 1861, trouxe um dinamismo muito grande para a cidade, sendo necessária a vinda de muitos imigrantes alemães para construí-la. Essa estrada representou, para a época, um ineditismo muito grande, pois foi a primeira estrada macadamizada do Brasil, em que se utilizou um tipo de calçamento fabricado a partir de pedra macadâmia. Com isso, percebemos que a região apontava para um determinado tipo de desenvolvimento econômico, enquanto outras regiões do país no final do século XIX estavam estagnadas, em especial Minas Gerais, com a diminuição das atividades de extração aurífera e diamantífera nas cidades e entorno de Ouro Preto e Diamantina, respectivamente.

A autora Maraliz de Castro Vieira Christo, em seu livro *Europa dos Pobres – a belle époque mineira* (CHRISTO, 1994), ressalta que a cidade de Juiz de Fora foi formada com características que se diferenciavam das demais cidades mineiras. As cidades mineiras tradicionais surgiram a partir da atividade mineradora, se expandindo com uma presença muito grande de escravos, em um ambiente religioso bastante católico. Com o declínio do ouro, cidades como Ouro Preto, Mariana, São João del Rei e Diamantina perderam sua pujança econômica, entretanto a presença da mão-de-obra escrava e a forte influência da religião católica permaneceram nas cidades.

Juiz de Fora formou-se de uma maneira totalmente diversa, pois aqui não houve atividade mineradora predominante, tendo a cidade sido criada a partir de roças do entroncamento do Caminho Novo, que ligava, no período colonial, o Rio de Janeiro a Ouro Preto, substituindo o caminho velho, de Parati a Ouro Preto, que não passava por Juiz de Fora. Com o desenvolvimento da atividade cafeeira ultrapassando as franjas do vale do Paraíba, tal atividade encontrou em Juiz de Fora uma terra fértil para seu plantio. Todavia, com a presença de imigrantes alemães e, posteriormente, italianos, a cidade dependeu menos da mão de obra escrava, comparativamente às tradicionais cidades mineiras, conferindo para Juiz de Fora particularidades distintas.

Juiz de Fora não possuía, portanto, as características das cidades mineiras barrocas tradicionais. Com a predominância da mão de obra imigrante alemã, livre, que trouxe junto a religião luterana, criou-se um perfil de cidade avançada, moderna, liberal, fabril e cosmopolita (CHRISTO, 1994), representando a cidade mais desenvolvida do Estado de Minas Gerais no final do século XIX. Diante de tais características, clamava por se tornar a capital do Estado, fato que não aconteceu, sendo escolhida a cidade de Belo Horizonte, que foi planejada, passando a ser capital em 1907. De acordo com Maraliz (CHRISTO, 1994), Juiz de Fora não foi regida pelos badalos dos sinos das igrejas católicas, mas sim pelo apito das fábricas de Bernardo Mascarenhas (1847-1899), que fundou a Companhia Textil Bernardo Mascarenhas em 1888 utilizando mão de obra imigrante e energia elétrica para mover suas máquinas. Poucos anos antes, em 1875, era inaugurada a Estrada de Ferro Dom Pedro II, que ligava Juiz de Fora ao Rio de Janeiro. Bernardo Mascarenhas junto com Batista de Oliveira (1857-1902) fundaram o Banco de Crédito Real de Minas Gerais em 1889, a Companhia Mineira de Eletricidade em 1888, e a Usina Hidrelétrica de Marmelos em 1889 (GIROLETTI, 1988).

Diante do contexto de prosperidade presente na cidade de Juiz de Fora em fins do século XIX, os missionários metodistas resolveram nela se instalar. Com todas essas características, Juiz de Fora apresentava uma elite não tanto barroca, católica e conservadora, mas sim aberta a receber as novas ideias de liberdade, prosperidade, positivismo e democracia, as quais os metodistas encontravam-se ávidos por propagar (CHRISTO, 1994) .

A elite juizforana estava interessada também na cultura subjacente às ideias do metodismo, pois a nova religião americana trazia junto consigo todos os princípios que nortearam os Estados Unidos a se tornarem a maior potência mundial algumas décadas mais tarde. Em 1880 já era uma nação bastante poderosa, tendo seus cidadãos, obviamente detentores de prerrogativas, contribuído para esse resultado. Nesse contexto, as ideias da religião metodista relacionadas ao positivismo, individualismo, liberalismo, a disciplina para se obter os objetivos almejados, a forma de governo mais importante que é a democracia, a maçonaria, a educação como elemento fundamental para se promover o cidadão e a nação, foram bem recebidas pela elite juizforana.

Juiz de Fora possuía, na década de 1880, uma população com uma

participação maior de imigrantes que outras cidades mineiras, uma população proporcionalmente menor de escravos e ex-escravos, uma diversificação religiosa maior que outras cidades mineiras, pois estes imigrantes trouxeram o luteranismo, o espiritismo e, posteriormente, veio o metodismo. Detinha também um núcleo urbano relativamente desenvolvido, com um contingente significativo de operários.

### 2.3 AS HOSTILIDADES SOFRIDAS PELOS MISSIONÁRIOS A PARTIR DE 1884

Para subsidiar este trabalho, utilizou-se a fonte primária denominada jornal “O PHAROL”, publicado em Juiz de Fora no período que se iniciou na penúltima década do século XIX (1880) e terminou na primeira década do século XX (1910). O referido Jornal encontra-se disponível online pela Hemeroteca Digital ([bdigital.bn.gov.br](http://bdigital.bn.gov.br) > hemeroteca digital).

Ao se inserir na cidade, naturalmente, a missão metodista teve que estabelecer um diálogo com a sociedade que a recebia. A exemplo do que ocorreu em outros locais, os missionários metodistas ingressaram na sociedade juizforana buscando mostrar a superioridade de suas ideias e do seu sistema de valores em relação ao sistema vigente. Ainda que seu objetivo último fosse atingir a população da cidade como um todo, a missão metodista privilegiou, como estratégia de estabelecimento, a conquista da elite liberal local, sobretudo através da implementação da instituição de ensino regular que pudesse atender às expectativas dessa elite progressista, ansiosa por uma educação mais pragmática, voltada para a ciência e a técnica, em substituição da tradicional educação brasileira, em sua maioria sob a égide da igreja católica.

O sistema educacional metodista representado pelo Collégio Americano Granbery, fundado em 1890, acabou atraindo boa parte da elite liberal de Juiz de Fora. Algumas famílias deixaram a educação de seus filhos a cargo da nova instituição, efetuando, assim, um voto de confiança. Entretanto, o diálogo entre a nova instituição e a sociedade juizforana nem sempre foi harmoniosa. Se a elite liberal e progressista se mostrou, em alguma medida, receptiva às ideias e ao sistema de valores dos missionários metodistas, os grupos católicos mais conservadores manifestaram sua insatisfação com a presença deles (CHRISTO, 1994).

Ao longo de vários anos a partir de 1884, o relacionamento entre fiéis católicos

e os missionários metodistas foi marcado pela oposição. Os desentendimentos entre as duas confissões foram amplamente registrados pela imprensa local desde o momento da inserção da missão missionária metodista. Contudo, apesar dos impasses com o catolicismo, o metodismo se estabeleceu de maneira efetiva na sociedade juizforana, conquistando adeptos inclusive no meio católico, como Hipólito de Oliveira Campos, o quinto vigário da igreja matriz (CORDEIRO, 2003).

Sendo o metodismo uma confissão religiosa protestante que se estabeleceu na cidade, onde o catolicismo era a religião majoritária (até a atualidade), participando efetivamente do processo de desenvolvimento da cidade, sobretudo em virtude do êxito de seu sistema educacional junto à elite progressista, uma correta compreensão da sua presença histórica no espaço juizforano deve ser levada em consideração, dentre outros fatores, a maneira como metodistas e católicos se relacionavam naquele período.

As matérias extraídas do jornal “O PHAROL” dizem respeito à chegada dos primeiros missionários metodistas em Juiz de Fora no ano de 1876, e o início de seus trabalhos difundindo uma ordem religiosa criada por dois irmãos ingleses (John e Charles Wesley) na Inglaterra do século XVIII, posteriormente levada aos Estados Unidos e, finalmente no Brasil.

Pelas notícias encontradas no jornal “O PHAROL”, os primeiros missionários sofreram muitíssimas hostilidades por parte da população de Juiz de Fora, em especial pela comunidade católica. Diversas reportagens descrevem apedrejamentos da sede da igreja, agressões físicas e ofensas verbais, além de textos publicados no jornal “O PHAROL”, em que grupos católicos criticam severamente a chegada dos missionários e a difusão de suas ideias na cidade de Juiz de Fora.

Em contrapartida, os missionários metodistas, através de diversas cartas publicadas no supracitado jornal, defenderam seus princípios religiosos. Uma parcela da comunidade católica juizforana se sentiu ameaçada com a difusão das ideias relativas à ordem religiosa metodista, somente diminuindo essa sensação de ameaça a partir do início do século XIX, quando a comunidade católica percebeu o caráter definitivo da permanência dos metodistas em Juiz de Fora, e a relativa aceitação desta ordem religiosa por parte da sociedade local, com a possibilidade de convivência com a religião católica romana. Ressalta-se que, além da chegada dos missionários metodistas, tem-se também a chegada anteriormente da Igreja Luterana, e

posteriormente do espiritismo kardecista, mostrando que é possível a coexistência de uma pluralidade religiosa em uma mesma cidade.

Abaixo, apresento duas matérias transcritas na íntegra, e com relação às demais, segue uma resenha das notícias veiculadas no jornal “O PHAROL”, que se encontram ao final deste artigo constante do Anexo I, que serviu como fonte primária na elaboração deste trabalho.

Na matéria de 12/01/1886 um certo senhor Alberto Bouschet proferiu diversas ofensas a igreja metodista, como um pasquim produzido por satãs, e contrariando a religião oficial católica, afirmando que os missionários bateram de porta em porta dirigindo convites diabólicos à população local:

□ Matéria de 12/01/1886

“Methodista Catholico - É este o nome de um pasquim que sahiu à luz na côrte com a data de 12/01/1886. Infelizmente veio bater palmas na redação do Buscapé afim de infamemente injuriar. Estes satans estão fazendo conferências contra a religião do Estado e as vivas crenças do bom christão. Vão esmolando de porta em porta, dirigindo convites diabólicos aos chefes das famílias para abalarem as suas crenças religiosas. Negam satanicamente os princípios sagrados da religião, ofendendo sem piedade a Mãe Santíssima e o viático que se acha colocado nas asas sacrossantas do Senhor. E dizem que a cruz deve ser despresada. Blasfemam com heresias, e seduzem homens de boa fé, casadas e solteiras, para mudarem das suas inabaláveis convicções religiosas, amamentadas pelo berço maternal e paterno. É uma miséria, ignomínia mesmo, que revolta aos povos civilizados. Erguem um salão de baile, onde se toca uma sanfona, com meia dúzia de bancos e dizem que é a – igreja methodista – quando deveriam asseverar que é um – zungú excomungado. O povo fique alerta, e não deve deixar-se iludir com esses demônios bêbados que vem perturbar a tranquilidade pública. Sou forçado a esta linguagem, porque os vandálicos assim a usaram para comigo. E vejam bem: se continuarem com a seducção infame, caro lhes há de sair. Alberto Besouchet. Juiz de Fora, 11 de janeiro de 1886.”

Como se pôde perceber, os representantes da Igreja Católica proferiram ofensas contundentes aos missionários da igreja metodista, chamando-os de satãs, que desprezavam o culto às imagens, e ao final diziam em tom de ameaça que haveria resposta contra os metodistas.

A seguir em matéria publicada no jornal “O PHAROL” de 28/01/1886, o

missionário Reverendo J. J. Ransom rebateu as críticas proferidas anteriormente:

□ Matéria 28/01/1886:

O Senhor Alberto Besouchet no Busca-Pé, e em a pedido do Pharol, tem ultimamente dado cópia do espírito intolerante que anima certa gente. Invoca o braço secular contra a Igreja Methodista Episcopal; trata de Satans pessoas que nunca lhe fizeram mal, e que pelo contrário merecem as suas mãos respeito; chama de zungú excomungado a Igreja Methodista ultimamente erigida perto da Estação Mariano Procópio, etc, etc, etc. Desce até a miséria de caluniar, insinuando e dizendo que ensinamos “cousas inconvenientes para o lar doméstico”, quando não é capaz de provar o que tão falsamente afirma. Ultimamente está clamando que compete ao povo levantar-se e acabar com este despotismo; e seus conselhos petroleiros já deram frutos no covarde apedrejamento da igreja methodista, facto pelo qual ele é o responsável, e moral e civilmente o autor, visto ser a consequência direta e imediata de seus incitamentos. Diz o Sr. Alberto Besouchet que somos exceptuados de proteção das leis do governo imperial, visto ser as nossas doutrinas novas e methodistas. Pouco nos importa um nome. Methodismo foi o nome que nos deram nossos inimigos, e por mais de 150 anos as gerações de methodistas tem-no aceitado em todos os países; justamente como nossos antecessores dos tempos apostólicos foram chamados cristãos, e aceitaram o nome. Novidades em doutrina, porém, é o que não temos; pois para sustentar todas as nossas doutrinas invocamos as sagradas escrituras que sempre constituíram a fonte de doutrinas para a igreja de Christo desde a data em que foram escritas. Ouvimos dizer que o Sr. Alberto Besouchet foi educado para ser padre, se é verdade não sabemos, mas isso poderia explicar o seu fanatismo. Enfim, não podemos crer que seja o Sr. Alberto Besouchet defensor autorizado da igreja romana, pois seria fácil mostrar que ele exprime em seus períodos frenéticos justamente o contrário do que tem ensinado celebérrimos vultos da igreja romana. Da nossa parte tomamos o público sensato de Juiz de Fora, por testemunha de que os conselhos petroleiros do Sr. Alberto Besouchet são indignos de uma cidade civilizada. J. J. Ransom. Reconhecido pelo Governo Imperial pastor Methodista Episcopal para o Imperio do Brasil.

A resposta dada pelo Reverendo Ransom se fundamentou no fato da igreja methodista ter vindo ao Brasil com a autorização imperial, defendendo a leitura e interpretação da bíblia, para que os fiéis se aproximassem mais do sagrado e do divino.

Os missionários metodistas quando chegaram em Juiz de Fora começaram seus trabalhos como *colportores*, que significava vendedores ambulantes de bíblia. Além da venda das bíblias, defendiam também em seus cultos que a leitura da bíblia era de fundamental importância para que o fiel entendesse melhor a palavra de Cristo. Nesse aspecto eles se diferenciavam dos clérigos do catolicismo, que não incentivavam a leitura da bíblia, até porque naquele momento exemplares da bíblia eram muito difíceis de serem encontrados, e muito caros também. Esse era um dos pontos cruciais que diferenciavam os metodistas dos católicos (CORDEIRO, 2003).

Ademais, tem-se também a iconoclastia, em que o metodismo, como as religiões protestantes de um modo geral, é contra o culto às imagens (idolatria). Essa proibição do culto às imagens e o incentivo à leitura da bíblia tornavam os metodistas mais afeitos à educação, alfabetização e erudição de seus fiéis, ao contrário da igreja católica, que estava associada com o atraso e o conservadorismo, ao cultuar até hoje as imagens, tornando de certa forma menos importante a capacidade de ler e interpretar a bíblia, pois somente o padre leva a bíblia para a missa e ele mesmo a lê. Existe aí uma diferença de enfoque fundamental, que aponta no sentido das religiões protestantes de um modo geral, e dos metodistas em especial, de se aproximarem mais da ciência, da tecnologia, da cultura de um modo geral, e os católicos estarem mais ligados ao atraso, a aversão ao conhecimento.

Convém destacar que a ênfase do Collégio Americano Granbery, desde sua fundação em 1890, foi no sentido de privilegiar as ciências exatas e naturais, trabalhando com experimentos em laboratório de forma individualizada, para que o aluno adquirisse o conhecimento por si mesmo, com a escola incentivando essa prática educacional voltada para o desenvolvimento tecnológico e científico. Pode-se, nesse aspecto, estabelecer uma oposição com a igreja católica, em que suas escolas eram voltadas para o estudo das línguas (português, latim, francês), o exercício de memorização para se adquirir o conhecimento, e pouco voltadas para as ciências exatas e os experimentos em laboratório das ciências naturais.

Na matéria de 18/12/1886 do jornal “O PHAROL”, é apresentada uma resposta por parte de um representante da igreja católica a respeito de divergências teológicas entre as duas religiões – metodista e católica – em que faz referência a um artigo do jornal produzido pela igreja metodista denominado “Methodista Catholico”. Deduz-se que no tal artigo, a igreja metodista fez uma série de questionamentos

religiosos em que a religião católica não oferecia resposta convincente, como “o dogma da presença real”. Com isso, o representante católico atacou este artigo argumentando que não pretendia travar discussões sobre assuntos tão elevados espiritualmente, mas que desejava simplesmente que os metodistas deixassem os católicos em paz, mas sempre utilizando um tom bastante irônico, agressivo e debochado.

Na matéria do jornal “O PHAROL” de 27/02/1890, é apresentada a notícia da criação em Juiz de Fora de um estabelecimento educacional regular metodista, que tinha como integrante do corpo docente o cidadão americano Sr. J. W. Lauder, no texto sendo bastante elogiado em função de sua vasta experiência no campo acadêmico, e que o próprio governador de São Paulo, Sr. Prudente J. Moraes de Barros, enviou uma carta de recomendação, informando que o colégio metodista de Piracicaba – SP desfrutava de elevado nível educacional. Depreende-se daí que a elite política do país já havia aceitado o sistema educacional metodista, reconhecendo seus méritos e qualidades.

Matéria do jornal “O PHAROL” de 22/06/1890 relata o ataque sofrido ao prédio em que os missionários metodistas se reuniam por parte de um grupo de vândalos, que quebraram com pedras as vidraças e um lampião novo. A notícia é reportada por um representante do jornal, portanto nem metodista nem católico, mas pelo tom da matéria está subtendida a reprovação a respeito desse crime. Isso demonstra que a sociedade de um modo geral clamava pela tolerância religiosa, permitindo uma abertura para a aceitação de outras religiões, que de fato ocorreu.

Na matéria de 09/08/1890, é anunciada que a Igreja Metodista episcopal sul faria sua primeira conferência na cidade de Juiz de Fora, a qual foi presidida pelo Reverendo J. C. Granbery, bispo da mesma igreja. A partir daí, com a fundação do Collégio Americano Granbery, a instituição passou a investir na cidade e, em meados do século XX, possuía muitos imóveis na cidade, com recursos procedentes dos Estados Unidos, e acabou por, inclusive, nomear o bairro no qual está localizado (Granbery).

Na matéria de 19/01/1891, o Reverendo Tarboux, representante da Igreja Metodista em Juiz de Fora, fez um relato histórico da origem da religião metodista, com os irmãos John e Charles Wesley se tornado membros da igreja anglicana, e que eram cristãos fiéis e sistemáticos, a ponto de não aceitarem o caráter de desprezo

com que a igreja anglicana tratava não somente os pobres na Inglaterra, mas de um modo mais geral todas as injustiças sociais existentes naquele país. Essa atitude de indulgência fez com que os irmãos João e Carlos Wesley criassem uma cisão na igreja anglicana e formassem a igreja metodista, menos formal e mais próxima dos pobres, dos operários, das mulheres em seus lares, e das crianças órfas. Com isso a Igreja Anglicana foi para os Estados Unidos, e chegou a Juiz de Fora. Por fim conclamou a população a frequentar os cultos na cidade. Essa reportagem mostra o quanto os metodistas estavam dispostos a se aproximar da sociedade juizforana e adquirir novos adeptos.

Na matéria de 16/10/1900, é anunciada a reunião da Sociedade Auxiliadora das Senhoras na sede da Igreja Metodista, à rua Marechal Deodoro nº 94, em função de uma calamidade ocorrida no Ceará, demonstrando o quanto a igreja metodista estava próxima dos trabalhos sociais e de ajuda ao próximo.

Tem-se uma situação relatada pela autora Ana Lúcia Cordeiro (CORDEIRO, 2003) em que um representante católico de Juiz de Fora, o padre Hipólito de Oliveira Campos (1849-1931), se converteu ao metodismo em 1900, se tornando pastor, o que contudo chocou a sociedade juizforana da época, provocando indignação e sendo atacado pelos fiéis católicos por ter feito tal opção, motivado também pelo desejo que se concretizou de contrair matrimônio com a viúva Francisca Souza de França Campos.

#### 2.4 O COLLÉGIO AMERICANO GRANBERY

Este trabalho tem por objetivo analisar as condições que propiciaram a aceitação por parte da sociedade juizforana da Igreja Metodista em Juiz de Fora. Dentre as condições já se analisou o quanto a sociedade juizforana se diferenciava dos cidadãos das demais cidades mineiras, em especial das cidades legítimas representantes do barroco mineiro, em que a origem econômica dessas cidades estava associada com o extrativismo mineral, com a presença predominante da mão de obra escrava, e com a adesão quase que total da população à religião católica. Juiz de Fora desde o início se diferenciou destas características, apresentado uma imigração alemã para a construção da estrada união-indústria, ponto de ligação entre Juiz de Fora e Petrópolis, uma menor utilização da mão de obra escrava no seu

incipiente parque industrial, e uma abertura para o progresso, o individualismo, o liberalismo e o desenvolvimento econômico, valores trazidos pelo metodismo procedente dos Estados Unidos.

Esse era o retrato da cidade de Juiz de Fora do final do século XIX. Mas os metodistas sofreram muitas hostilidades, e para que conseguissem se estabelecer, e este é o ponto defendido por este trabalho, foi necessária e fundamental a criação do Collegio Americano Granbery no dia 08 de setembro de 1890 (Lessa, 1985). A religião católica há muito que se utiliza do binômio evangelização/educação, e o fez com grande mérito, tendo em vista a reconhecida excelência dos colégios católicos não somente em Juiz de Fora, mas no Brasil e no mundo todo. Os metodistas utilizaram da mesma ferramenta, com a vantagem de estarem ligados ao princípio norteador da sociedade americana, enquanto que a Igreja Católica estava vinculada aos países mais atrasados da Europa, Portugal e Espanha.

A Europa com o protestantismo de Martin Lutero (1483-1546) e João Calvino (1509-1564) permitiu florescer o desenvolvimento econômico, em especial na Alemanha e na Holanda respectivamente, a partir das premissas basilares de suas religiões, em que a ênfase na iniciativa individual representava o elemento central, e o cidadão deveria trabalhar e estudar arduamente para prover sua família dos meios necessários para uma vida digna. O catolicismo apresentava uma visão diferente, mais paternalista, indulgente, de acomodação, em que o indivíduo deveria aceitar sua condição de humildade, pobreza e submissão, para que no momento da passagem para a eternidade, aí sim, encontrasse o paraíso, ausente de injustiças, em que todos são agraciados com o perdão divino.

A fundação do Collegio Americano Granbery trouxe para Juiz de Fora as ideias avançadas e liberais de que tanto a elite juizforana ansiava, pois pregava a importância da ciência para o desenvolvimento social e econômico de uma nação, ponto em que a igreja católica sempre foi mais negligente, tentando explicar diversos fenômenos por meio da vontade divina. A Igreja Católica demorou mais tempo para defender o primado da ciência como condição para o desenvolvimento de uma nação.

À medida que o Collegio Americano Granbery foi se firmando na cidade, com a aquisição de mais alunos e mais prestígio principalmente entre a elite, a religião metodista foi aos poucos sendo aceita.

Na época, além do ensino público, a Academia de Comercio foi fundada em

1894 pelo empreendedor Francisco Batista de Oliveira (1857-1902) e inspirada na Escola de Altos Estudos Comerciais de Paris, com o objetivo de capacitar os jovens estudantes da cidade a estudar os assuntos relacionados ao comércio e à indústria. Isso significa que a cidade de Juiz de Fora permitia, através da demanda da elite local, a instalação de outras unidades educacionais, além da católica.

## 2.5 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA RELIGIOSIDADE BRASILEIRA

Este tema da aceitação da Igreja Metodista em Juiz de Fora a partir de 1884, ocorrida em função do binômio evangelização/educação, propiciou a pesquisa da questão da religiosidade existente na sociedade juizforana da época. A religião católica era a predominante na sociedade brasileira de um modo geral, mas em Juiz de Fora já havia a confissão para o luteranismo em virtude dos imigrantes alemães. Também já havia a presença do espiritismo kardecista em Juiz de Fora nessa época.

De qualquer forma, tanto o catolicismo, quanto o metodismo e o kardecismo são religiões cristãs. A autora Rúbia Campos Guimarães Cruz em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para o bacharelado em ciências humanas da UFJF denominado “Um estudo comparativo entre neopentecostais da universal do reino de deus e tradicionais da Igreja Metodista – a conduta por trás dos números” (Cruz, 2017) analisa que as religiões protestantes tradicionais de imigração, que vieram portanto do exterior, são a metodista, os presbiterianos e os batistas. Essas religiões protestantes chegaram ao Brasil procedentes dos Estados Unidos, mas a religião metodista é a que chegou primeiro, e que interessa a este estudo neste momento.

Com isso, percebeu-se que as primeiras igrejas protestantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX são todas procedentes dos Estados Unidos (metodistas, batistas e presbiterianos). Posteriormente, já na primeira metade do século XX começaram a ser criadas outras igrejas protestantes no Brasil, sendo denominadas de pentecostais (Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus), e na segunda metade do século XX as neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Internacional da Graça de Deus).

A religião metodista apresentou, do ponto de vista das ideias liberais que adquiriam importância na Europa e nos Estados Unidos no final do século XIX, um avanço em relação à religião católica. A concepção do conformismo pregado pelo

catolicismo não se coadunava com os ventos de liberdade que sopraram nos Estados Unidos em 1776, fazendo eclodir a independência americana, e de revolução que assolou a Europa em 1789, por meio da revolução francesa. A religião protestante, desde Lutero e Calvino, pregava um inconformismo com a igreja católica romana conservadora e imutável. O protestantismo defendia ideias de liberdade e de dedicação e esforço, além de incentivar a livre iniciativa e as decisões individuais. Além disso direcionavam a sociedade para a ciência e o desenvolvimento tecnológico e científico, propiciando o desenvolvimento econômico e social do indivíduo e da nação.

A autora Ana Lúcia Cordeiro, em seu livro “A inserção do metodismo em Juiz de Fora” (CORDEIRO, 2003) salienta o fato de que o catolicismo praticado no Brasil desde o período colonial, em que o Estado e a Igreja estavam interligados, e depois, no período imperial, a partir de 1822, quando eram independentes, desenvolveu-se de uma maneira particular, na forma de um catolicismo popular, com uma prática religiosa baseada nas irmandades, nas capelas na zona rural, nas procissões, no culto realizado dentro das residências em frente ao oratório, das quermesses, na devoção aos santos, enfim, uma miríade de atividades religiosas desenvolvidas pela sociedade brasileira, sem uma subordinação ao vaticano, e em última instância ao Papa.

Para reverter este quadro de relativa independência em relação a Roma, o Vaticano empreendeu uma série de medidas para submeter a Igreja Católica do Brasil aos preceitos do Vaticano. Enfim, a Igreja Católica brasileira deveria obedecer diretamente ao Papa. A situação do catolicismo no Brasil era tão independente do Vaticano que aqui o celibato não era rigorosamente respeitado (CORDEIRO, 2003).

A volta para a submissão ao Vaticano ocorreu a partir de 1880, e trouxe muitos padres estrangeiros para exercer o sacerdócio no Brasil, criando uma relativa insatisfação entre os clérigos brasileiros. Este fator também favoreceu a disseminação da religião metodista em Juiz de Fora.

A religião metodista está mais próxima dos ideais de cidadão e de nação concebidos e defendidos pelo positivismo e também pela maçonaria. Daí que a religião metodista conseguiu se estabelecer em Juiz de Fora e hoje possui diversas igrejas espalhadas pela cidade.

Hoje Juiz de Fora possui as seguintes igrejas metodistas: Centro (Central), São Mateus, Benfica, São Benedito, Jardinópolis, Betel (Megiolaro), Monte Castelo,

bairro de Lourdes, Peniel (Dom Bosco), Eldorado e Bela Aurora. Além disso, possui as seguintes instituições vinculadas: Instituto Granbery (colégio e faculdade), Associação Metodista de ação social Juiz de Fora (AMAS/JF) e Centro Metodista de assistência ao toxicômanos, comunidade terapêutica “Bispo Almir dos Santos” (CEMAT).

## CONCLUSÃO

Ao se analisar o Brasil do final do século XIX, percebeu-se a forte influência da Igreja Católica na sociedade brasileira. Contudo, o Brasil império permitiu a entrada de outras religiões no Brasil, uma vez que houve a separação do Estado da Igreja Católica, diferente do período colonial sob o regime do padroado.

Com o final da guerra de secessão americana (1861-1865) os missionários metodistas do sul dos Estados Unidos são perseguidos em função do norte ter saído vitorioso, e vêm para o Brasil, atraídos por um país ainda escravocrata, adequado aos seus valores originários. Para se instalarem no Brasil escolheram o Rio de Janeiro, Piracicaba (SP) e Juiz de Fora (MG) atraídos pela prosperidade que estas cidades apresentavam. Contudo, para se instalar em Juiz de Fora sofreram muitas hostilidades, e precisaram utilizar do binômio evangelização/educação para conseguirem a aprovação da sociedade local.

Com a fundação do Colégio Americano Granbery em 1890, e paulatinamente, o crescimento e o reconhecimento do colégio, os metodistas conseguiram aos poucos serem aceitos pela sociedade, e começaram a adquirir fiéis para sua igreja e alunos para seu colégio. Mesmo que o colégio não possuísse como objetivo principal a evangelização de seus alunos, eram difundidas as ideias inerentes à cultura norte-americana.

O Colégio Americano Granbery não aceitava apenas alunos metodistas, permitindo o ingresso de quem professasse outras religiões, em particular a católica, até porque era a religião majoritária da época. Difundia as ideias de ênfase no individualismo para a prosperidade tanto do indivíduo quanto da sociedade, regras austeras para se levar uma vida verdadeiramente cristã, valores do positivismo, da maçonaria, e da democracia. Todo esse conjunto de ideias provenientes de um país

prestes a adquirir a hegemonia mundial (Estados Unidos) fez com que finalmente a igreja metodista fosse aceita em Juiz de Fora.

Uma questão que chamou a atenção foi o fato da Igreja Metodista, no momento em que surgiu na Inglaterra em meados do século XVIII, ter se originado da pregação junto às camadas mais pobres da sociedade inglesa, os operários, os sem-teto, os desvalidos, enfim, aquela parcela da população desfavorecida que não usufruía do padrão de vida conquistado pela elite. Todavia, o padrão de vida conquistado pela elite em termos de bens de consumo, bens duráveis, lazer, entretenimento foram conquistados às custas dos mais pobres, dos operários, camponeses, e de uma massa de desempregados que empurrava o preço dos salários para baixo, aumentando os lucros dos capitalistas, da aristocracia, e da burguesia emergente.

Pois bem, no momento em que o metodismo migrou para os Estados Unidos também estava voltado para os colonizadores, desbravadores, imigrantes que iniciavam um vida nova em busca de prosperidade, com o objetivo de construir um país.

Todavia, a migração do metodismo para o Brasil, e em especial para Juiz de Fora provocou uma mudança de foco em relação ao público a ser conquistado, e assim a Igreja Metodista se dirigiu no caso brasileiro, em especial o juizforano, para atingir a elite da sociedade. E conseguiu atingir este objetivo, principalmente graças ao Collégio Americano Granbery. Considerou-se esta mudança de público a ser conquistada uma questão muito significativa, pois a igreja metodista alterou o sentido das pregações dos desfavorecidos da Inglaterra e dos Estados Unidos para a elite brasileira, em especial, a juizforana.

O Jornal “O PHAROL” ilustrou de maneira bastante detalhada os embates entre os que professavam a religião católica e a metodista, demonstrando os ataques verbais, os questionamentos em assuntos teológicos, e também de depredação da casa onde se realizava os primeiros cultos em Juiz de Fora. Mas os metodistas superaram todos estas adversidades através da evangelização e da educação, e estão presentes até hoje na sociedade juizforana.

### 3. REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres: a belle époque mineira*. Juiz de Fora: ClioEdel, Editora UFJF, 1994.

CORDEIRO, Ana Lúcia. *A inserção do metodismo em Juiz de Fora – uma história de conquistas e tensões*. Juiz de Fora: Livraria e Editora Letras e Notas, 2003.

CRUZ, Rúbia Campos Guimarães. *Um estudo comparativo entre neopentecostais Universal do Reino de Deus e tradicionais da igreja Metodista: a conduta por trás dos números*. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado para obtenção do título de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas – ICH – UFJF, 2017. Disponível em:

<https://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/RUBIA-CAMPOS-GUIMARAES-CRUZ.pdf>

FILHO, Ailton Gonçalves Dias Filho. *A imigração norte-americana e a implantação do protestantismo em Americana e Santa Bárbara D'oeste – SP*. Revista Nures – Ano XI – Número 31 – setembro – dezembro de 2015.

Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/nures/article/view>

GIROLETTI, Domingos. *Industrialização de Juiz de Fora: 1850-1930*. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, 1988.

Jornal o Pharol. Hemeroteca Digital. Disponível em: [www.bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/](http://www.bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/)

LESSA, Jair. *Juiz de Fora e Seus Pioneiros: do Caminho Novo à proclamação*. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, 1985.

MENEZES, Faustino Teixeira e Renata (organizadores). *Religiões no Brasil: Continuidades e rupturas*. Editora Vozes, Petrópolis, 2011.

NETTO, Arsênio Firmino de Novaes. *As crises de um ideal – Os primórdios do Instituto Granbery (1889-1922)*. Editora da Universidade Metodista de Piracicaba, 1997.

OLIVEIRA, Paulino de. *História de Juiz de fora*. Gráfica Comércio e Industria Ltda., Juiz de Fora, 1966.

SOUZA, Alfredo Vieira de (coordenação geral). *120 anos de metodismo em Juiz de Fora, 1884-2004*. Livraria Letras e Notas, Juiz de Fora, 2004.

## **ANEXO I:**

### **O Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 12/01/1886, página 3, Edição 00008 (1).**

“Methodista Catholico

É este o nome de um pasquim que saíu à luz na côrte com a data de 12/01/1886.

Infelizmente veio bater palmas na redação do Buscapé afim de infamemente injuriar.

Estes satans estão fazendo conferências contra a religião do Estado e as vivas crenças do bom christão.

Vão esmolando de porta em porta, dirigindo convites diabólicos aos chefes das famílias para abalarem as suas crenças religiosas.

Negam satanicamente os princípios sagrados da religião, ofendendo sem piedade a Mãe Santíssima e o viático que se acha colocado nas asas sacrossantas do Senhor. E dizem que a cruz deve ser despresada.

Blasfemam com heresias, e seduzem homens de boa fé, casadas e solteiras, para mudarem das suas inabaláveis convicções religiosas, amamentadas pelo berço maternal e paterno.

É uma miséria, ignomínia mesmo, que revolta aos povos civilizados.

Erguem um salão de baile, onde se toca uma sanfona, com meia dúzia de bancos e dizem que é a – igreja methodista – quando deveriam asseverar que é um – zungú excomungado.

O povo fique alerta, e não deve deixar-se iludir com esses demônios bêbados que vem perturbar a tranquilidade pública.

Sou forçado a esta linguagem, porque os vandálicos assim a usaram para comigo.

E vejam bem: se continuarem com a seducção infame, caro lhes há de sair.

Alberto Besouchet. Juiz de Fora, 11 de janeiro de 1886.”

### **Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 28/01/1886, página 2, Edição 00022 (1).**

“Conselhos Petroleiros

O Senhor Alberto Besouchet no Busca-Pé, e em a pedido do Pharol, tem ultimamente dado cópia do espírito intolerante que anima certa gente. Invoca o braço secular contra a Igreja Methodista Episcopal; trata de Satans pessoas que nunca lhe fizeram mal, e que pelo contrário merecem as suas mãos respeito; chama de zungú excomungado a Igreja Methodista ultimamente erigida perto da Estação Mariano Procópio, etc, etc, etc.

Desce até a miséria de caluniar, insinuando e dizendo que ensinamos “cousas inconvenientes para o lar doméstico”, quando não é capaz de provar o que tão falsamente afirma.

Ultimamente está clamando que compete ao povo levantar-se e acabar com este despotismo; e seus conselhos petroleiros já deram frutos no covarde

apedrejamento da igreja methodista, facto pelo qual ele é o responsável, e moral e civilmente o autor, visto ser a consequência direta e imediata de seus incitamentos.

Diz o Sr. Alberto Besouchet que somos exceptuados de proteção das leis do governo imperial, visto ser as nossas doutrinas novas e methodistas. Pouco nos importa um nome. Methodismo foi o nome que nos deram nossos inimigos, e por mais de 150 anos as gerações de methodistas tem-no aceitado em todos os países; justamente como nossos antecessores dos tempos apostólicos foram chamados cristãos, e aceitaram o nome.

Novidades em doutrina, porém, é o que não temos; pois para sustentar todas as nossas doutrinas invocamos as sagradas escrituras que sempre constituíram a fonte de doutrinas para a igreja de Christo desde a data em que foram escritas.

Ouvimos dizer que o Sr. Alberto Besouchet foi educado para ser padre, se é verdade não sabemos, mas isso poderia explicar o seu fanatismo.

Enfim, não podemos crer que seja o Sr. Alberto Besouchet defensor autorizado da igreja romana, pois seria fácil mostrar que ele exprime em seus períodos frenéticos justamente o contrário do que tem ensinado celeberrimos vultos da igreja romana.

Da nossa parte tomamos o público sensato de Juiz de Fora, por testemunha de que os conselhos petroleiros do Sr. Alberto Besouchet são indignos de uma cidade civilizada.

J. J. Ransom.

Reconhecido pelo Governo Imperial pastor Methodista Episcopal para o Imperio do Brasil.

Juiz de Fora, 27 de janeiro de 1886.”

**Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 31/07/1886, página 1, Edição 00172 (1).**

“Seguiu ontem para a corte, com destino a Nova York, o revd. J. J. Ranson, com sua exma. Família.

O revd. Ranson acha-se a 10 anos neste império, tendo, durante esse tempo, se esforçado pela causa evangélica, da igreja methodista episcopal, da qual é ele presbítero, construindo uma igreja nesta cidade, além de muitas outras no sul do império.

Durante a sua estada no Brazil, segundo nos consta, dispendeu ele do seu próprio bolso, a favor da causa que defende, quantia não inferior a 20:000\$000.

O fim da sua viagem aos Estados Unidos é ainda em bem da sua seita: vai trabalhar com as missões para obter 35 contos a favor dos trabalhos evangélicos neste império.

Entre todas as igrejas methodistas, a que está em melhores condições, a mais bem construída, é a do Largo do Catete, na corte.

Ao revd. J. J. Ranson e sua exma. família desejamos feliz viagem à sua terra natal.”

**Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 28/08/1886, página 2, Edição 00196 (1).**

“Bispo da Igreja Methodista

Hoje, no expresso, chegará da corte a esta cidade o ver. J. C. Granbery, o qual vem em visita pastoral à sua igreja.

Por isso nos comunicam a convidar a todos que desejem assistir aos cultos da mesma igreja, amanhã, domingo, às 11:00 horas da manhã e às 4 horas da tarde, na igreja, e às 7 horas da noite na rua da Imperatriz, na casa do culto.

Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 18/12/1886, página 2, Edição 00292 (1).

O Methodista Catholico, em seu no. 23, de 1 do corrente, sob a epigrafe – Jesus Cristo Sacramentado – entendeu fazer uma refutação às nossas correspondências de 13 de agosto, 22 de setembro e 14 de novembro, nas quais demos aos nossos leitores uma despreziosa noticia das três ultimas conferências aqui realizadas pelo Dr. Moraes Carneiro; ou pretendeu estabelecer conosco uma polemica religiosa, que sentimos não poder estabelecer, por isso que, francamente o confessamos – não temos competência para discutir tão magna questão.

Assim também não viemos fazer uma contra refutação, porque esse encargo caberia antes ao ilustrado conferenciador, caso o quisesse aceitar. Pedimos apenas permissão para um esclarecimento.

O Methodista, depois de declarar ter tido pena, muita pena de nós (agradecido: não havia de que...) tem igualmente pena de não termos dado os argumentos aduzidos pelo Dr. M. Carneiro, para provar o dogma da presença real e, mais adiante, diz: “o articulista, que tem o jeito de raciocinar sem dar nenhum argumento, etc” e, assim parece fazer-nos uma censura impertinente.

O ilustrador refutador das nossas correspondências devia se lembrar que nós nos limitamos a dar uma ligeira noticia daquelas conferencias e não reproduzilas em sua integra, como era de desejar; porque esta tarefa esta além do alcance da memória. É isto o que nos compete responder.

No mais, esperamos que o Methodista nos deixem em paz com as nossas crenças, assim como nós os deixamos com as suas. Não queremos, com isto, dizer que estamos magoados; ao contrário, agradecemos a urbanidade com que fomos tratados e a obsequiosidade de sua visita.”

**Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 22/12/1886, página 3, Edição 00295 (1).**

“Pede-se às autoridades competentes sobre o abuso de alguns moleques que entendem ter o direito, ou por sua própria vontade ou instados por outrem, de apedrejarem a capela da igreja Methodista, quebrando quase todos os vidros.

Poderá ser examinada pelas mesmas autoridades, se quiserem.

Dos que me constam que tem atirado, são os seguintes: Mancel, aprendiz de Manuel sapateiro, em Mariano Procópio. José, filho de João Kromel, e o caixeiro do França, Jacob. Fernandes, filho do Pedro pintor.

J. R. de Carvalho. Juiz de Fora, 20 de dezembro de 1886.”

**Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 27/02/1890, página 1, Edição 00049 (1).**

“Ensino Americano

Em nossa folha, de 14 do corrente, noticiamos que alguns seccarios da Igreja Methodista projetava fundar nesta cidade um estabelecimento de ensino primário e secundário, de cujo corpo docente ia fazer parte o cidadão norte-

americano J. W. Lauder, que dispõe de grande adiantamento e de longa pratica do magistério.

Para que se avalie a importância dos serviços que esse estabelecimento virá prestar a esta cidade, transcrevemos a seguinte carta que, a respeito do colégio estabelecido em Piracicaba, pela Igreja Methodista Episcopal, escreveu o ilustre cidadão Prudente J. Moraes de Barros, governador do Estado de S. Paulo:

“Cidadão dr. Fernando de Mattos. – Em resposta à vossa carta de 6 do corrente, tenho a dizer-vos que considero excelente, sob todos os pontos de vista, o colégio estabelecido em Piracicaba, pela Igreja Methodista Episcopal, do qual é diretora Miss M. Whrigh – senhora dotada de aptidões excepcionais para o desempenho daquele difficilimo encargo. É esta a opinião de todos os pais que, como eu, tem confiado a educação de seus filhos aquele colégio que dispõe de bons professores.

A cidade de Taubaté lucrará muito se conseguir o estabelecimento de um colégio nas condições do que tem Piracicaba.

Podeis usar desta como vos convier.

Saúde e fraternidade.”

**Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 22/06/1890, página 1, Edição 00146 (1).**

“Vandalismo

O prédio, em que se reúnem os sectários da igreja methodista, nesta cidade, foi na noite de ante-ontem alvo da selvageria de alguns indivíduos, que lhes quebraram as vidraças e um bonito lampião, ali colocado há pouco tempo.

Não sabemos quais os motivos que determinaram esses procedimentos censurável e improprio de uma cidade que se preza de civilizada.

Infelizmente, não é essa a primeira vez que tais violências aqui são feitas aos methodistas, cuja religião temos obrigação de respeitar, para que eles se considerem obrigados a tratar de igual modo a que não lhes pertence.

Não acreditamos, porem, que o facto, a que nos referimos, seja significativo de opposição à seita methodista, pois que não estamos em lugar onde a população se recomende por sua intolerância religiosa.

Trata-se, certamente, de alguns malfazejos, gente de ordinário sem crenças de espécie alguma, cujos atos só a polícia pode reprimir.

Entretanto, parece-nos que ainda uma vez lhes está garantida a impunidade.”

**Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 09/08/1890, página 1, Edição 00187 (1).**

“Publicações a Pedido

Conferencia anual

A igreja Methodista Episcopal do Sul faz público que, pela primeira vez nesta cidade, celebra sua conferência anual, que será presidida pelo revdm. J. C. Granbery, bispo da mesma igreja.

A conferência realizar-se-a na quarta feira próxima, as 10 horas da manhã, e todas as noites, as 7 horas, haverá sermão por diversos ministros, enquanto durar a

mesma conferência.

Convida-se, pois, ao respeitável público, que deseja conhecer a doutrina que pregamos, para vir assistir as pregações.

“Examinai tudo, porém abraça o que é bom.” Vinde e vede.”

**Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 19/01/1891, página 2, Edição 00010 (1).**

“Publicações a pedido

Ao respeitável povo de Juiz de Fora

Em nome do Deus de todos nós, a quem servimos com sinceridade, pedimos a séria atenção do povo desta cidade.

Desejamos contar-vos quem somos e qual o fim de nós estarmos em vossa terra e em vossa cidade.

Somos chamados “Methodistas”.

Há pouco mais de cem anos, na Universidade de Oxford, Inglaterra, havia um estudante chamado João Wesley em companhia de seu irmão Charles Wesley.

Eram filhos de pais cristãos. Estes moços, querendo cumprir fielmente com todas as obrigações para com Deus e para com os homens, dividiram o dia em tantas porções, marcando para cada período o seu dever apropriado.

Entre esses deveres acharam-se o de reuniões de oração com outros estudantes sérios e o de visitarem as cadeias para conversar com os presos a respeito de religião.

Tão fiéis e sistemáticos se tornaram esses moços cristãos, que os estudantes e o povo indiferentes e levianos deram-lhes em zombaria o nome de “Methodicos” ou “Methodistas”.

Mais tarde João e Charles Wesley formaram-se e foram ordenados ministros na Igreja Anglicana. O seu zelo cristão tornou-se cada vez mais ardente, vendo o indiferentismo e o relaxamento não somente do povo, mas também do clero anglicano.

...

A obra se estendeu aos Estados Unidos da América.

...

A igreja methodista tem uma sala para cultos... mais tarde esperamos ter um salão ou uma igreja espaçosa.

J. W. Tarboux, pastor e os membros da igreja methodista.”

**Transcrição: Jornal “O PHAROL” de 16/10/1900, página 2, Edição 00031 (2).**

“Seca do Ceará

...A Sociedade Auxiliadora das Senhoras, penalizada pelos sofrimentos dos habitantes do Ceará deliberou celebrar sessão extraordinária na igreja methodista desta cidade a rua Marechal Deodoro, no. 94...

**ANEXO II:**

**Fotos (1) da Igreja Metodista e (2) do Colégio Granbery.**



